

**R**ECÉM-CASADOS e felizes, Kim e Krickitt Carpenter dirigiam-se para Phoenix, onde iam passar o Dia de Ação de Graças com a família dela. Estavam no seu novo Ford Escort, conversando sobre os Cowboys, o time universitário de beisebol treinado por Kim na cida-

**Era uma história de amor, um conto de fadas, até que o inesperado aconteceu**

de de Las Vegas, Novo México. Com eles estava Milan Rasic, treinador-assistente.

Às seis e meia da tarde já estava escuro como breu. Krickitt é quem estava dirigindo. Kim, resfriado, deitou-se no assento de trás. Dez quilômetros a oeste de Gallup, Novo México, na Interestadual 40, uma carreta que viajava à frente deles a uns 50 quilômetros por hora estava encoberta pela fumaça do escapamento. Kim acordou ao

# *Para o melhor, para o pior*

LYNNETTE BAUGHMAN



ouvir o grito de pavor de Krickitt e Milan berrando:

– Cuidado!

Krickitt pisou forte no freio e tentou dar uma guinada para a esquerda, mas chocou-se contra a carreta. Um furgão que estava atrás deles bateu no lado da direção do Escort. O pequeno carro voou pelos ares e caiu sobre a capota, deslizando mais de 30 metros antes de parar.

Kim estava imprensado contra o teto do carro. Não conseguia mexer as pernas e a dor nas costas era terrível.

– Krickitt! – gritou.

Não teve resposta. Ele não podia ver que Krickitt estava suspensa acima dele, presa pelo cinto de segurança e o volante, a cabeça inchando de modo grotesco com a afluência de líquidos que enchiam seu cérebro.

A equipe de resgate levou meia hora para livrar Krickitt dos metais retorcidos. Gravemente ferida, foi levada na primeira ambulância para o Rehoboth McKinley Christian Hospital, em Gallup. Krickitt foi então transportada de avião para o Hospital Universitário, em Albuquerque.

KIM CARPENTER E Krickitt Pappas tinham-se conhecido pelo telefone, em setembro de 1992. Treinador da Universidade Highlands, Kim, 27 anos, recebia muitos catálogos de roupa esporte feita sob encomenda. Quando alguma coisa lhe chamou a atenção, discou o número de ligação gratuita. Em Anaheim, Califórnia, atendeu uma assistente de vendas. A voz dela era animada, borbulhante de alegria.

– O seu nome é mesmo Krickitt? – perguntou ele, implicando.

– E você é mesmo de Las Vegas, mas não mora em Nevada? – retrucou ela, rindo. Ela explicou que seu nome verdadeiro era Krisxan, nome grego, pronunciado Kris-ann, e que uma tia a apelidara de Krickitt quando tinha dois anos porque parecia um grilo, nunca ficava parada.

Nos três meses seguintes, o interesse de Kim pelas roupas esportivas aumentou bastante, mas só quando certa assistente de vendas estava presente para atender a seus telefonemas. Krickitt, que era ginasta, entendia muito de esportes e parecia estar sinceramente interessada pelo time de Kim.

As conversas deles foram se tornando mais íntimas. Cristãos praticantes, acreditavam que os votos do casamento eram uma promessa sagrada. Parecia que, a cada conversa, um encontrava algo mais para amar no outro.

Em abril de 1993, Krickitt aceitou o convite de Kim para visitar o Novo México e ver seu time jogar. Duas semanas depois, Kim foi apresentado aos amigos e aos pais de Krickitt.

Kim pediu ao pai de Krickitt a mão da filha em casamento naquele mês de junho, formalidade a que ele insistiu.

– Vocês têm a nossa bênção – disse Gus Pappas.

Kim foi então de avião à Califórnia e dirigiu-se ao apartamento de Krickitt. De terno e gravata, num calor sufocante, ele a chamou até que ela aparecesse na sacada.

– Então, quer ou não quer? – gritou Kim.

– Quero o quê? – respondeu Krickitt, e depois desceu correndo para encontrar-se com ele. Kim colocou um dos joelhos no chão e estendeu um buquê de flores.

– Quer ficar ao meu lado para toda a vida? – perguntou Kim.

– Quero! – disse ela. – Quero, sim.

No dia 18 de setembro de 1993, Krisxan Pappas e Kim Carpenter se casaram em Scottsdale, Arizona. O casal passou a lua-de-mel em Maui. Na volta, foram morar no pequeno apartamento de Kim, em Las Vegas.

E APENAS DEZ semanas depois disso, Kim, em estado de choque, ouviu o médico lhe dizer que Krickitt estava em coma, insensível. Havia a possibilidade de uma lesão cerebral. Ela poderia morrer.

Por volta das cinco da manhã, Kim, apesar dos ferimentos graves, chegou em Albuquerque para ver Krickitt. Ela estava com um tubo de plástico na boca e um aparelho na cabeça para medir a pressão intracraniana. Sacos de plástico pendurados em suportes metálicos despejando líquidos por tubos transparentes para os braços dela. *Essa não pode ser a Krickitt!*, ele pensou, sentindo o quarto oscilar e escurecer.

O organismo atlético de Krickitt começou a reagir. Embora ainda estivesse comatosa, conseguiu respirar



*Em seu casamento de 1993 Krickitt and Kim prometeram ficar juntos para sempre*

por si na primeira semana de dezembro. Foi transportada de ambulância aérea para o Instituto Neurológico de Barrow, em Phoenix, considerado o melhor lugar para seu restabelecimento.

Krickitt, aos poucos, foi saindo do coma e três semanas depois do acidente chegou o momento de fazer uma avaliação profissional de suas faculdades mentais. Kim ficou a seu lado, aflito, enquanto um terapeuta interrogava Krickitt.

– Onde é que o sol nasce? – perguntou o terapeuta.

Responda, *benzinho*, implorou

Kim, em silêncio. *Mostre que está sarando.* Krickitt pareceu ficar intrigada e depois satisfeita.

– No Norte – disse com segurança.

– Onde você mora?

– Em Phoenix.

Phoenix era onde ela morava antes de se casar. Kim se sentiu animado. *Isso, benzinho! Breve vamos para casa e vai estar tudo bem.*

– Com quem você é casada?

Os olhos azuis de Krickitt vagaram pelo quarto. Sua voz estava apática, sem emoção, e suas palavras foram uma punhalada no coração de Kim.

– Não sou casada.

Aturdido, Kim saiu do quarto. No corredor, chorou abertamente, batendo com o punho na parede. *Deus, me ajude! Ajude Krickitt e a mim.*

À MEDIDA QUE Krickitt ia reagindo, aos poucos foi ficando evidente que ela havia perdido toda a memória referente ao ano anterior ao acidente. Não se lembrava do namoro deles, nem do casamento ou da lua-de-mel, nem do curto período em que tinham vivido como marido e mulher. Kim Carpenter era um estranho total para a mulher por quem ele se apaixonara loucamente, perdidamente.

Uma vez, Kim lhe mostrou um vídeo do casamento deles. Quando a câmera girou para o rosto de Kim, ele disse, com brandura: “Esse sou eu, Kimmer. E a garota é você, Krickitt.” Mas Krickitt não teve qualquer reação.

Todos os dias, Krickitt fazia tratamentos com um fisioterapeuta, um logopedista e outros em Barrow. Ela, que já tinha sido uma hábil ginasta, te-

ve de aprender a caminhar. A princípio jogava o pé direito para a frente e arrastava o pé esquerdo, sem conseguir levantá-lo do chão, de todo. Seu cérebro tinha sofrido lesões no lobo frontal – que controla a personalidade, as emoções e a capacidade de decidir – e em seu lobo parietal – que governa a linguagem e a compreensão matemática.

Aos poucos Krickitt foi recuperando suas recordações dos tempos de criança, adolescente e universitária. Mas Kim continuava a ser “aquele cara”, apenas mais uma pessoa que tentava fazer com que ela caminhasse, se alimentasse e acertasse na bola com o bastão. Muitas vezes reagia com raiva.

– Por que você não volta para Las Vegas? – perguntou ela, mais de uma vez.

– Porque eu a amo – era a resposta firme de Kim.

Em fevereiro de 1994, ela pôde se mudar para a casa dos pais e ir a Barrow como paciente de ambulatório. Em março, Kim começou uma rotina física e emocionalmente exaustiva, indo de avião a Las Vegas para treinar o time universitário de beisebol durante metade da semana, e depois voltando a Phoenix aos domingos, para estimular Krickitt o restante do tempo.

Por vezes havia sinais evidentes de melhoras, como no dia em que Kim jogou uma bola para ela. Em vez de falhar, ela acertou direto. Na sua risada repentina, Kim ouviu o eco da Krickitt por quem se apaixonara.

Também houve momentos cômicos. Um dia, depois que Kim voltou para Las Vegas, ela disse a um tera-

peuta de Barrow: “Sinto falta daquele cara que estava aqui.”

Quando chegou em casa, a mãe dela ligou para Kim e disse: “Krickitt quer falar com você.” Kim ficou encantado por ela ter pensado nele.

– Como vai você?

– Bem – disse ela. – Agora eu tenho de ir.

A redução de sua capacidade de concentração também era evidente quando recebia visitas. Ela as recebia amavelmente, dizendo: “Oi, como vai? Prazer em vê-lo.” E logo depois: “Bom, até logo.”

A maior parte do tempo, porém, Krickitt tinha de lidar com a confusão, raiva não focalizada e dores físicas. Kim voltou-se para a Bíblia e a oração, pedindo forças. *Senhor, por favor, faça com que Krickitt se lembre de mim. Por favor, Deus, traga-a de volta para mim.*

No dia 12 de março de 1994 Kim e Krickitt foram para seu apartamento para uma visita de “orientação”. No pequeno *living*, Krickitt pegou uma foto e a examinou com uma expressão esquisita. Era a foto de seu casamento, mas não significou nada para ela.

Um mês depois, Krickitt voltou para “casa”, de vez. Não foi fácil. Suas lesões cerebrais não sumiram como a fratura do osso de uma perna. Continuava confusa para saber onde encontrar as coisas no apartamento e como andar por ali, e tinha raiva de Kim por ser duro quanto à sua terapia – tudo isso provocava explosões de mau gênio que não tinham nada a ver com a mulher que Kim conhecera e amara.

Essa nova Krickitt parecia uma adolescente insubordinada, que não li-

gava para os sentimentos de ninguém. Tendo sido uma jovem conhecida por sua paciência e compaixão, antes do acidente, agora lhe faltavam esses sentimentos.

Pela primeira vez eles começaram a discutir e depois de uma dessas discussões Krickitt fugiu do apartamento. Preocupado, Kim foi procurá-la de carro, até que a encontrou junto de uma lanchonete.

“Não posso mais viver assim”, disse Kim. “Não posso conceber a mim sem você, nem você sem mim, mas talvez tenha de ser assim mesmo.”

Havia uma promessa que estava radicada nos ossos de Krickitt: ela fora criada acreditando que o casamento era para sempre. Era uma promessa que ela e Kim tinham feito a Deus antes mesmo de se conhecerem. E quando nenhum dos dois achava que poderia continuar como estavam, aquela promessa os manteve unidos.

NO OUTONO DE 1995, Kim foi procurar um consultor profissional. Numa das sessões o terapeuta lhe perguntou: “O que levou Krickitt a se apaixonar por você?”

A princípio, ele deu uma resposta fácil, descrevendo-se como “engraçado, inteligente, bonitão”. Mas depois ele levou a pergunta a sério. *O que levou Krickitt a se apaixonar por mim?*

Ele pensou em todo o amor e afeto que ele lhe tinha demonstrado durante o namoro. Ele era o namorado dela. Depois pensou em como agira depois do acidente. Mais parecia um pai ou treinador. Por fim descobriu: *Comece tudo de novo! Reconquiste-a!*

“Você gostaria de ir ao cinema hoje? Depois podemos comer uma pizza.” Parecia estranho namorar Krickitt de novo, mas Kim tornou a “noite de namoro” parte de sua rotina semanal.

Tentaram jogar golfe juntos, mas muitas vezes nem passavam do segundo buraco. Kim teve de aprender a ter paciência, a largar as coisas e não a criticar. Eles viram que estavam no caminho certo quando conseguiram rir e dizer: “Puxa, conseguimos chegar ao quarto buraco sem brigar!”

Embora Kim tivesse se proposto a reacender o amor em Krickitt, não poderia prever o resultado do seu namoro. Ela era a mesma mulher, e no entanto era diferente. Kim passou a amá-la como a pessoa que se tornara.

Krickitt começou a notar como Kim era generoso e compreensivo. Aos poucos ela sentiu que estava “crescendo para o amor”, o que ela descreveu como “quando a gente se apaixona, só que melhor”.

O consultor de Kim lançou a semente de uma idéia: seria significativo eles renovarem seus votos? “Ah, sim!”, foi a reação de Krickitt. “Mas se vamos ter um casamento, também quero um pe-

didado”, disse Krickitt, com ar decidido.

No Dia dos Namorados de 1996, Kim, mais uma vez, ajoelhou-se e, com um buquê de flores na mão, pediu Krickitt em casamento.

“As pessoas pensam que estamos nos casando pela segunda vez para fazer voltar a minha memória”, dizia Krickitt. “Mas eu já aceitei que essa parte de minha vida está apagada.” O motivo do casamento, acrescenta Krickitt, era que “toda mulher deve ter esse momento para recordar”.

No dia 25 de maio de 1996, Krickitt Carpenter estendeu a mão para Kim. “Eu lhe agradeço por ter sido fiel a seus primeiros votos”, disse ela, “e rezo para ser a mulher por quem você se apaixonou.” Eles se deram suas alianças antigas. Depois, sem que um soubesse dos planos do outro, cada um levou uma segunda aliança para celebrar esse segundo juramento de amor.

Kim e Krickitt saíram da capela, posaram para fotos e depois passaram por uma porção de gente, família e amigos. Era o princípio de uma nova vida para eles, um momento que, agora, Krickitt poderia lembrar e apreciar para sempre.

FOTO: © C.E. MITCHELL/BLACK STAR

### ***Na fila errada***

UMA LONGA FILA de mulheres esperava pacientemente à porta de uma loja. Chegou um homem e se colocou imediatamente à frente. Gritos indignados obrigaram-no a ir para o fim da fila. Voltou a tentar, mas de novo a fúria das mulheres o obrigou a recuar. Na terceira tentativa, as mulheres o empurraram e o obrigaram a ir para trás. Foi então que ele ajustou a gravata, passou os dedos pelo cabelo e disse, com um ar muito digno:

– Muito bem, minhas senhoras, se é isso que querem, não abro a loja.

Joan Crowe, Reino Unido